


# **DE SALVADOR AO RIO DE JANEIRO: A CONSTRUÇÃO DA AUTORIA EM CARLOS NELSON COUTINHO**

From Salvador to Rio de Janeiro: the construction of authorship in Carlos Nelson Coutinho

**Luccas Eduardo Castilho Maldonado<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0003-0476-1600>

E-mail: [luccas\\_eduardo@hotmail.com](mailto:luccas_eduardo@hotmail.com)

**João Victor Lourenço de Castro<sup>b</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0001-6672-7331>

E-mail: [joaovictorlcastro@hotmail.com](mailto:joaovictorlcastro@hotmail.com)

<sup>a</sup> Universidade de Campinas,  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História,  
Campinas, SP, Brasil

<sup>b</sup> Universidade de São Paulo,  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,  
São Paulo, SP, Brasil.

## RESUMO

Este artigo analisa a formação intelectual e a construção da autoria de Carlos Nelson Coutinho entre Salvador e Rio de Janeiro. Partindo de sua inserção inicial em ambientes letrados familiares, escolares e políticos, examina-se o processo de afirmação como autor marxista, articulado à recepção de Lukács e Gramsci. A análise evidencia como espaços sociais, vínculos editoriais e militância cultural contribuíram para consolidar sua identidade intelectual, culminando na publicação de *O estruturalismo e a miséria da razão* (1972). O estudo mobiliza documentos, correspondências e publicações para compreender o surgimento da função autor em Coutinho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Carlos Nelson Coutinho. Autoria. Marxismo.

## ABSTRACT

This article examines the intellectual formation and authorship construction of Carlos Nelson Coutinho between Salvador and Rio de Janeiro. From his early engagement with familial, educational, and political literary environments, the study explores his affirmation as a Marxist author, particularly through the reception of Lukács and Gramsci. It highlights how social spaces, editorial networks, and cultural activism contributed to the consolidation of his intellectual identity, culminating in the publication of *O estruturalismo e a miséria da razão* (1972). The analysis draws on documents, letters, and publications to understand the emergence of authorship in Coutinho.

**KEYWORDS:** Carlos Nelson Coutinho. Authorship. Marxism.

**C**arlos Nelson Coutinho (1943-2012) foi um intelectual que se destacou pela produção vinculada ao marxismo e à estética na realidade brasileira na segunda metade do século XX. Produziu ao longo da vida mais de duas dezenas de livros e centenas de artigos em jornais e revistas, além de coordenar projetos editoriais, lecionar em universidades e polemizar sobre os rumos da política brasileira. Era na década de 1990 um dos intelectuais mais conhecidos no Brasil, ocupando diversos espaços de consagração.

O presente texto não pretende focar nos seus momentos de maior relevância pública, quer dizer, quando era um intelectual. Essa rara capacidade de conceber ideias, redigi-las e fazê-las circular com relevância. Um escritor não nasce pronto, não obstante a aptidão comunicativa de alguns produza tal efeito e/ou as operações de construção e reconstrução da própria memória possam produzir essa impressão. Como Sherazade, o intelectual também vive da palavra, seja escrita ou ditada. Esse texto busca historicizar os momentos formativos de Coutinho, destacando desde os seus primeiros escritos, quando desenvolvia o seu rigor conceitual e a sua capacidade de escrita, à sua primeira obra coerente, *O Estruturalismo e a Miséria da Razão*<sup>1</sup>. Demonstrar-se-á como os espaços e os vínculos sociais estão conectados com essa montagem que é a autoria. Há uma constante interdependência entre estudo, reflexão e escrita, por um ângulo; e contatos, vinculações e posições, por outro. Um autor se faz sozinho e com os outros. Mais precisamente, a transição de um universo fundamentalmente familiar em Salvador ao Rio de Janeiro foi a conjuntura necessária para Coutinho se formar e se projetar nacionalmente como um autor.

O texto se divide em duas partes, enfocando respectivamente a formação inicial e o surgimento do autor, além da “Introdução” e das “Ponderações finais”. A primeira, “O

---

<sup>1</sup> Este trabalho não constitui a primeira incursão sobre o tema. No livro *Democracia e socialismo: Carlos Nelson Coutinho em seu tempo*, o pesquisador Victor Neves realiza uma importante análise desse período da trajetória do intelectual baiano. O presente artigo dialoga com essa obra em diversos aspectos, compartilhando fontes e eventos analisados, sendo inclusive um ponto de partida fundamental para a presente reflexão. Há, contudo, uma divergência interpretativa significativa entre os dois estudos. Neves interpreta o intervalo entre o golpe de 1964 e o exílio de Coutinho como um hiato em seu pensamento político, marcado por um afastamento das formulações ideológicas mais diretas e por uma imersão nas reflexões estéticas. Este artigo propõe uma leitura distinta: ainda que a estética tenha ganhado centralidade nas reflexões de Coutinho nesse período, o que de fato implicou certa inflexão em sua atuação anterior, não se trata de um abandono da política. Ao contrário, defende-se que o engajamento político assumiu novas formas, mais adequadas às condições impostas pela ditadura militar. A repressão estreitou os espaços de intervenção. O campo cultural se colocou como uma arena estratégica de atuação crítica e intelectual. Além disso, ao mobilizar um conjunto ampliado de fontes, o presente texto lança luz sobre aspectos pouco considerados da trajetória de Coutinho, revelando a complexidade e a continuidade de sua atuação intelectual mesmo nos anos de maior repressão.

escritor enquanto jovem: as primeiras letras em Salvador”, apresenta os seus contextos formativos primordiais. A família constituía-se naquele momento como espaço proeminente, principalmente a figura paterna de Nathan Coutinho. As primeiras leituras e reflexões do jovem deram-se nesse círculo íntimo. Outros espaços assumiram esse papel em seguida. A universidade, os jornais e as revistas forneceram os locais de iniciação à escrita e ao pensamento. A militância comunista em Salvador seria ainda outro âmbito no qual se integraria. Entraria em contato por seu meio com temáticas e referenciais aos quais se dedicaria pelo resto da vida. Estes espaços formariam as bases de uma experiência, iniciando o jovem ao mundo das letras e à vida pública.

O segundo movimento, “O surgimento de um autor: das revistas e jornais do partido à crítica ao estruturalismo”, dedica-se à mudança de Coutinho ao Rio de Janeiro e à constituição de sua dimensão autoral. A antiga capital federal em grande medida foi o espaço em que desenvolveu as potencialidades que foram apenas esboçadas nos editoriais de Salvador. Entrou em contato com os locais de produção simbólica mais efervescentes da vida intelectual nacional, integrando-se aos seus projetos. Portanto, analisar-se-á os caminhos e as mediações da conversão do jovem estudante em autor, culminando na publicação de suas primeiras obras.

O conceito de autoria coloca-se como o epicentro da construção semântica do presente trabalho. Inspira-se em algumas considerações esboçadas por Michel Foucault (2001, p. 264-298) em “O que é um autor?” para definir tal noção. O francês pontua que a identificação de uma autoria em um escrito não é uma operação evidente, mas um processo no qual se elabora uma relação entre o texto, o seu produtor e os leitores. Mais precisamente, um autor confere-se por uma situação interdependente, na qual os sujeitos oferecem ao responsável pelo texto uma condição e este a assume. Expressa-se portanto uma circunstância, uma combinação entre partes, que elabora a chamada função autor.

Tal vinculação pode assumir distintas funções, não necessariamente a do intelectual público. Não se pretende aprofundar na definição, mas reconhecer que existe o procedimento, não obstante se aponte que é incompleto. Ser autor é assumir uma posição específica, ou melhor, entrar na batalha para conquistar essa condição. Contudo, não se limita a isso uma vez que ser um autor não é meramente uma condição, mas também um contínuo domínio da palavra, um aprendizado sobre a expressão escrita. Nesse sentido, esse trabalho assume concomitantemente alguns apontamentos de Norberto Bobbio (1997) a respeito do conceito de intelectual, expressos em *Os intelectuais e o poder*. Uma das dimensões centrais desse tipo social é dominar um

vocabulário buscando reordenar o entendimento público da ordem dos valores e/ou de questões técnicas. Destarte, um autor é condição e trabalho; escrita e circunstância; um sujeito que se destaca pelo domínio da palavra e por deter leitores.

## **O escritor enquanto jovem: as primeiras letras em Salvador**

Carlos Nelson Coutinho nasceu em Itabuna, no sul da Bahia, em 28 de junho de 1943. Era originário de uma região onde predominava uma elite rural especializada na produção e exportação de cacau. A família de Coutinho, em especial as gerações dos seus avôs e as anteriores, eram proprietários de terra, com raízes na colonização portuguesa, que ao longo dos séculos transitaram por distintas formas de cultura. Do doce do açúcar na colônia ao amargo do cacau no final do XIX alcançaram, entre ritmos de enriquecimento e empobrecimento, um novo momento de ascensão. Diversos intelectuais brasileiros do século XX tiveram uma origem semelhante, de terratenentes. Gilberto Freyre provavelmente é o exemplo mais expressivo, inclusive escrevendo extensivamente a respeito da história de sua região natal. Pode-se citar essa origem da aristocracia da terra também para Caio Prado Júnior, Leandro Konder, Luís Martins, Nelson Werneck Sodré etc. São exemplos que demonstram a semelhança de uma proveniência de classe, por um lado, mas não necessariamente uma convergência de ideias, por outro.

Coutinho viveu seus primeiros anos no interior dessa elite, entretanto fazia parte de um grupo que alterou marcadamente esse contexto. Na realidade, não propriamente ele, mas os seus pais, sendo descendente imediato de atores que encontraram seus destinos sociais na urbanização, no abandono das antigas posições de administração e renda da terra rumo ao comércio e ao serviço público nas cidades. A mãe era Elza de Souza Coutinho e o pai Nathan Coutinho do Rosário (1911-1991) (Neves, 2019, p. 45).

O casal teve dois filhos, a mais velha Sônia e o mais novo Carlos Nelson – a pouca quantidade de filhos já demarca uma explícita distinção para com as gerações anteriores, comumente marcada por uma extensa prole. Sônia, assim como o irmão, adentraria no mundo das letras, tornando-se uma importante jornalista, tradutora e escritora, sendo inclusive laureada com o importante Prêmio Jabuti. A possibilidade profissional que a irmã teve, diante dos destinos anteriores de mulheres da família, é explícita. A cidade traz um contexto distinto que pode romper certos papéis sociais tradicionais, pelo menos para esse esteio das elites e das classes médias – o modernismo paulista ou as primeiras gerações de professores universitários oferecem seus pontuais exemplos.



Nathan começou sua carreira como advogado em Itabuna após se formar pela Faculdade de Direito da Bahia. A família, no entanto, pouco permaneceu na cidade. Deslocou-se para Salvador durante a infância dos filhos, pois Nathan ganhou prestígio rapidamente. Iniciou trabalhando no governo municipal de Itabuna e em seguida ascendeu para uma trajetória como legislador, assumindo a posição de deputado estadual pela União Democrática Nacional (UDN) em 1947. Seria reeleito em mais duas oportunidades, alcançando a posição de presidente da Assembleia Legislativa em seu último mandato.

A importância que Nathan alcançou se devia a sua posição central nas disputas políticas da Bahia na metade do século XX. Após a Revolução de 1930, Getúlio Vargas nomeou como interventor a liderança tenentista e cearense, que não tinha ligação com o local, Juracy Magalhães. Esse ato cindiu as elites já que uma parte decidiu questionar a decisão, criando um movimento “autonomista”. A cisão foi o início de uma série de disputas ao governo estadual e municipal de Salvador, entre aliados e opositores de Magalhães, que se estenderam até a segunda metade do século XX. Nathan era uma das lideranças da UDN na Bahia, sendo um aliado e amigo de Magalhães. A situação colocava o pai como uma figura relevante no conflito entre as elites baianas que marcou o estado durante boa parte do século XX. Nathan deixou a sua carreira parlamentar em 1959, após o fim do seu terceiro mandato. Foi nomeado em seguida, pelo governador recém-eleito Magalhães, como conselheiro do Tribunal de Contas da Bahia. Ascenderia à vice-presidência em 1961 e à presidência em 1963 dessa instituição.

A proeminência do pai foi central para Coutinho em diversos momentos. O Tribunal de Contas, essa instituição jurídica criada pelo também baiano Ruy Barbosa no início da Primeira República, concentrava um poder enorme dentro da institucionalidade brasileira por sua responsabilidade excepcional: fiscalizar os gastos dos outros poderes. Um conselheiro definia o futuro de um governador quando julgava as suas contas. Por isso, o sobrenome Coutinho era conhecido por toda a elite da Bahia. O filho herdava entre outras coisas o sobrenome do seu pai e com ele certo prestígio que abria possibilidades. Sobrenomes de imigrantes e das classes populares não apresentavam essas características, pelo menos não de maneira imediata.

Coutinho cresceu no interior de uma família da elite baiana que, além de valorizar a atividade política, dava grande importância à cultura letrada. Além de jurista e legislador, Nathan foi um poeta de tradição parnasiano-simbolista, tradutor e jornalista, frequentando as colunas literárias em Salvador e Rio de Janeiro. Coordenou o jornal *A Época* e

publicou três livros: um de crítica literária chamado *Pequeno ensaio sobre a poesia brasileira* de 1938; e dois de poesias, *Inquietude* de 1930 e *50 Poesias de Nathan Coutinho* de 1980. A escrita e a leitura de colunas de jornais eram comuns naquele ambiente.

A cultura letrada atravessava boa parte da sociabilidade familiar e a biblioteca do núcleo em grande medida refletia tal condição. Seu epicentro temático era a literatura e o direito, âmbitos de trabalho do pai. Seu conteúdo, no entanto, extrapolava para distintos campos, como a filosofia, a política, a história, a sociologia etc. Isso possibilitou que o rapaz tivesse o seu primeiro contato, durante a adolescência, com as ideias de esquerda ao ler o *Manifesto do Partido Comunista* de Karl Marx e Friedrich Engels (2006) e em seguida *Do socialismo utópico ao socialismo científico* (Engels, 1985) do segundo (Nobre & Rego, 2000, p. 373). A responsável por indicar tal leitura foi a sua irmã Sônia, figura que, para além da intensa atividade literária que desenvolvia em diversas revistas e jornais, frequentava os círculos de sociabilidade das esquerdas e do movimento estudantil (Neves, 2019, p. 49). Sonia recepcionou o irmão em diversos espaços e introduziu várias ideias nos seus primeiros anos de vida.

Os círculos sociais de Coutinho foram fundamentalmente familiares até o seu ingresso no Clássico no Colégio Estadual da Bahia, situado na Praça Carneiro Ribeiro, na virada dos anos 1950 aos 1960. O local era frequentado principalmente pelas classes médias e altas que se preparavam para ingressar no nível superior. O espaço foi central para Coutinho no sentido de expandir suas vinculações sociais. Alcançava a proximidade da idade adulta e ao mesmo tempo inseria-se em um meio repleto de possibilidades de interações. Para se ter uma dimensão da relevância desse espaço, algumas pessoas que também frequentaram a instituição foram Antônio Carlos Magalhães, Carlos Marighella, Cid José Teixeira Cavalcante, Jacob Gorender, José Júlio de Calasans Neto, Luiz Alberto Moniz Bandeira, Maurício Grabois, Raimundo de Oliveira Borges e Waly Salomão. Trata-se de jovens e futuros poetas, intelectuais, políticos, militantes que transitaram pelos mesmos corredores.

Um contato fundamental que Coutinho realizou nessa instituição foi com o seu professor de História Paulo Fernando de Moraes Farias (1935-). Esse homem, atualmente professor da Universidade de Birmingham e membro da Academia Britânica, era um historiador formado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e pesquisador do Centro de Estudos Afro-orientais (CEAO), coordenado pelo exilado português Agostinho da

Silva e depois pelo geógrafo Waldir Freitas Oliveira. Farias cultivava várias ideias de esquerda, sendo próximo do PCB e um leitor extensivo (Reis, 2019, p. 436-438).

Tal curiosidade incitou o seu contato com as obras de Antonio Gramsci após uma viagem à Itália. Essa ponte foi o princípio de uma apropriação com consistência das ideias de Gramsci no Brasil. Farias referiu-se aos escritos do autor italiano enquanto lecionava à turma de Coutinho no Central da Bahia. O rapaz se interessou pelas ideias do escritor, indo dialogar com o professor. As conversas que eram coletivas, logo se tornaram privadas, convertendo a relação professoral em amizade<sup>2</sup>. Coutinho por meio dessas indicações começou a ler as traduções francesas de Gramsci lançadas por *Les Éditions Sociales*, editora vinculada ao Partido Comunista Francês (PCF).

O maior indicativo do crescimento do seu mundo e do esboço de uma intenção de se tornar autor naquele momento foi o ingresso no jornalismo em 1960, como uma figura contratada, além do início de sua militância comunista. Publicara alguns textos anteriormente n'A *Palavra* e no *Jornal da Bahia*, mas de forma espontânea. Esses primeiros escritos são representativos de um crescente distanciamento familiar e de uma busca por um horizonte mais amplo de atuação. O primeiro, "O erro fundamental da candidatura nortista" (Coutinho, 1959b), foi uma das primeiras rupturas do jovem com a figura paterna. Posicionava-se publicamente contra a candidatura de Juracy Magalhães à Presidência da República, confrontando diretamente o pai. A discordância ocorreu após alguns conflitos (Neves, 2019, p. 82).

O segundo texto, "História econômica da Revolução de 1798" (Coutinho, 1959a), foi sua primeira tentativa de esboçar um argumento a partir do arcabouço marxista, ponderando o quanto a Conjuração Baiana poderia ser compreendida a partir desse conceito. Marcado por suas leituras de Caio Prado Júnior, Coutinho enviou o texto ao intelectual paulista solicitando indicações a respeito do escrito, uma vez que este escrevera sobre o tema no seu primeiro livro, *Evolução Política do Brasil* (Prado, 1933). Prado Júnior respondeu cordialmente à missiva, apontando desvios em relação ao método marxista<sup>3</sup>.

Coutinho chegou a destacar Prado Júnior como o maior expoente do marxismo brasileiro no século XX, equiparando sua contribuição à de Georg Lukács e Henri

<sup>2</sup> Relato de Paulo Farias por e-mail em 2022.

<sup>3</sup> Prado Júnior, C. (1960, fevereiro 8). *Carta a Carlos Nelson Coutinho*. Fundo Caio Prado Júnior, Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), São Paulo.



Lefèbvre.<sup>4</sup> O argumento diz pouco sobre o pensamento brasileiro propriamente dito, porém revela o que Coutinho lia e admirava naqueles primeiros anos:

Sendo assim, não poderia deixar de me tornar um assíduo leitor da sua obra, que conheço quase toda, exceção feita à 'URSS, um novo mundo', por ser edição esgotada. Não resta dúvida que o considero o maior intelectual marxista brasileiro, e lamento as injustas críticas de que foi vítima, por parte de elementos sem um décimo do seu gabarito cultural, pelo crime de ver a verdade antes do 'grupelho' dirigente (naquela época) do PCB.<sup>5</sup>

Essas primeiras contribuições eram pontuais e não um vínculo empregatício, que impunha uma regularidade de escrita. O futuro cineasta Glauber Rocha, então um jovem que se dividia entre o jornalismo, o teatro e a Faculdade de Direito da UFBA, convidou Coutinho para trabalhar ao seu lado no *Suplemento Artes e Letras* no *Diário de Notícias* (Neves, 2019, p. 63) – ambiente onde seu pai também era profundamente conhecido. Rocha trouxe Coutinho como seu assistente para aprender o ofício. Foi o primeiro emprego do rapaz. Teria independência posteriormente no trabalho, escrevendo páginas principalmente sobre filosofia e política.

Coutinho iniciou seus estudos em direito na UFBA em 1961, mesma instituição em que seu pai estudara. Seu mundo crescia substancialmente. O espaço era um ambiente elitizado, profundamente voltado à tradição bacharelesca. As esquerdas começaram a ter alguma presença no seu interior na década de 1930, quando Carlos Marighella coordenara em 1935 a fundação de uma célula comunista dentro da Faculdade de Direito (Magalhães, 2012, p. 73), na qual também atuaram Mário Alves e Jacob Gorender (Maestri, 2014, p. 254). A década de 1960 foi o ápice da presença das esquerdas na universidade até aquele momento, consequência disso foi a formação de um movimento estudantil profundamente engajado.

O jovem realizou seus estudos superiores em um momento de extrema efervescência. Formavam-se naquele momento personagens que seriam fundamentais para a cultura brasileira na segunda metade do século XX, estando entre elas: Caetano Veloso, Duda Machado, Gilberto Gil, Glauber Rocha, João Ubaldo Ribeiro, José Carlos Capinan, Roberto Pinho, Rogério Duarte e Waly Salomão, atores que inovaram em distintas estéticas como na literatura, na música, no cinema etc. São na prática um conjunto de expoentes fundamentais do Tropicalismo e do Cinema Novo.

---

<sup>4</sup> Coutinho, C. N. (1960, dezembro 17). *Carta a Caio Prado Júnior*. Fundo Caio Prado Júnior, Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), São Paulo.

<sup>5</sup> Coutinho, C. N. (1959, dezembro 28). *Carta a Caio Prado Júnior*. Fundo Caio Prado Júnior, Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), São Paulo.

Tais homens transitavam por uma série de instituições de fomento à cultura, contudo duas devem ser destacadas. Em primeiro lugar, a própria UFBA que foi convertida em polo das mais distintas atividades desde o início dos anos 1950 quando o reitor Edgard Santos assumiu a instituição. Ele convidou alguns professores de origens distintas que tiveram papel central para organizar as escolas e os laboratórios da universidade, entre eles Agostinho da Silva, que fez o CEAO; Hans-Joachim Koellreutter, que coordenou a Escola de Música; Yanka Rudzka, responsável pela Escola de Dança; e Eros Martim Gonçalves coordenador da Escola de Teatro. O outro espaço fundamental era o Museu de Arte Moderna da Bahia, criado em 1959 no governo Juracy Magalhães e dirigido pela arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi – aliás, a segunda pessoa que falou de Gramsci para Coutinho foi Bo Bardi (Risério, 1995, p. 31-68).

Coutinho transitava no meio desse rico contexto no qual uma série de jovens se envolviam com a criação estética e a atividade política. A escolha do curso de direito concatenava-se com tal pretensão, pois para ele a faculdade de Direito era o lugar onde se fazia política por excelência – repetidamente os universitários dessa instituição questionaram o poder instituído, desde a época do primeiro governo Getúlio Vargas e repetidamente durante a Quarta República (Risério, 2004; Tavares, 2020). Essa opção por parte de Coutinho derivou de uma profunda simpatia pelas ideias comunistas.

Dois anos depois de sua entrada na universidade, trocou o curso de direito pelo de filosofia, obtendo o grau de bacharel em 1965. A mudança de carreira deveu-se a uma desilusão com a carreira jurídica, focada em leituras técnicas e debates sobre a forma do direito. Coutinho, adentrando cada vez mais no universo político da militância comunista e nos editoriais sobre política e filosofia, viu cada vez menos sentido naquilo. A mudança de carreira era uma tentativa de trabalhar essa insatisfação. A decisão não resolveu plenamente os seus dilemas, uma vez que o novo curso era muitas vezes focado exclusivamente em debates eruditos e abstratos, não obstante úteis para quem desejava adentrar ao denso pensamento de Karl Marx e outros autores da tradição marxista.

O seu primeiro contato com a obra do autor húngaro Georg Lukács deu-se nesse exato momento. Enquanto se deslocava na biblioteca da universidade em busca de material com temática marxista, encontrou uma revista francesa que trazia uma resenha de *História e Consciência de Classe* (Lukács, 1960). Interessou-se pela obra, no entanto não havia meio para conseguir um exemplar em Salvador, somente mais tarde em uma viagem ao Rio de Janeiro adquiriria o livro (Neves, 2019, p. 50).

Foi no período universitário que Coutinho começou a publicar os seus primeiros textos com maior densidade. Lançou quatro artigos em revistas entre 1959 e 1962: três na *Ângulos*, um na *Afirmção* e um na *Movimento*. O texto na *Afirmção*, uma revista cultural organizada principalmente por universitários, intitulou-se “Irracionalismo: metafísica em pânico” e apareceu no princípio de 1961 (Coutinho, 1961b). O escrito é breve e pouco desenvolvido. Para a compreensão da construção de uma dimensão autoral, é apenas um vacilante exercício inicial do controle da fortuna semântica de um artigo de cunho filosófico. Por outro ângulo, seu valor está no significado para a compreensão de um momento referencial na trajetória de Coutinho. É a primeira vez que debate e critica o irracionalismo. O tema seria extensivamente trabalhado na sua obra, aparecendo em diversos livros e artigos a partir de então até o final do século.

Os textos da *Ângulos* são de longe os mais importantes daquele momento. Fundada em 1950, era a publicação do Centro Acadêmico Ruy Barbosa do curso de direito da UFBA, estando aberta para colaborações de alunos, professores e autores independentes, além de traduzir escritores estrangeiros. Foi um dos mais importantes periódicos que apareceram na Bahia na Quarta República. Junto da *Cadernos da Bahia* e da *Mapa*, a *Ângulos* compunha o núcleo fundamental das publicações seriadas de Salvador.

Colocava-se esteticamente aberta, pois dispunha suas páginas para jovens artistas plásticos. Seu viés mais interessante estava nas letras. É possível observar em suas páginas uma atenção, tanto para pensadores internacionais como Albert Camus, Romain Rolland, Garcia Lorca, Paul Baran e Bertolt Brecht; quanto para escritores nacionais que davam os seus primeiros passos.<sup>6</sup> Caetano Veloso, que era da carreira de filosofia e colega de Coutinho, apresentou um escrito sobre estética (Veloso, 1997, p. 209). Glauber Rocha desenvolveu suas primeiras críticas de cinema nas suas páginas anos antes (Matta, 1987, p. 36-37). Luiz Alberto Moniz Bandeira publicou uma das suas primeiras poesias naquele espaço (Maldonado, 2021).

Coutinho não era um simples colaborador da *Ângulos*. As páginas da revista estavam plenamente abertas para ele porque o seu cunhado e veterano do curso de direito, o poeta Florisvaldo Mattos, era um dos seus redatores. Isso também possibilitou que a sua irmã Sonia interviesse no espaço. Os dois eram amigos íntimos e tal conexão

<sup>6</sup> Para a lista de colaboradores da revista *Ângulos*, cf. Matta (1987, p. 61-75).



viabilizou a sua entrada na publicação<sup>7</sup>. Como é comum nesse meio, havia uma alta circulação na direção da *Ângulos*, passando de veteranos para calouros. Se nos dois números de 1957 Mattos estava presente, Coutinho ingressaria nas três edições publicadas entre 1960 e 1965 como autor, na prática entre os números 16 e 18. As datas distantes de publicação devem-se ao intervalo de cinco anos entre as edições 17 e 18. Como é comum nesse tipo de projeto, a descontinuidade se fez presente, acarretando que o último texto de Coutinho aparecesse quando ele não mais estava na Bahia.

Os três escritos possuem um eixo comum de colocarem em questão problemas vinculados ao socialismo. O último a ser publicado, “Problemas da literatura soviética” (Coutinho, 1965-1966),<sup>8</sup> estabelece algumas críticas ao realismo socialista a partir das leituras de Lukács. É uma expressão inicial, preambular, de uma interação que se desenvolveria cada vez mais. Esse trabalho na realidade foi escrito em meados de 1962 e só apareceria em 1966.

O segundo, “Problemática atual da dialética” (Coutinho, 1961a), de longe é o mais importante que escreveu, tanto por seu conteúdo, quanto por suas consequências sociais. Trata-se de uma reflexão sobre os últimos desdobramentos do conceito de dialética, colocando em evidência as contribuições de Jean-Paul Sartre. Destaca as qualidades do autor, filiando a sua abordagem ao marxismo.

Esse texto seria de grande importância para a sua trajetória, pois conheceu por seu meio o carioca Leandro Konder. O escrito chegaria às mãos de Konder por meio de um amigo em comum, que o levou de Salvador ao Rio de Janeiro entre o final de 1961 e o início de 1962, e suscitaria o início de uma correspondência<sup>9</sup>. Debateram no começo temas convergentes, principalmente girando em torno de Gramsci e Lukács. A interação verteu-se em amizade. A intensificação do contato possibilitaria a sua inserção nos meios culturais do Rio de Janeiro, particularmente aqueles vinculados ao PCB. A oportunidade

<sup>7</sup> Relato de Florisvaldo Mattos por e-mail em 2022.

<sup>8</sup> O texto seria publicado novamente na *Revista Civilização Brasileira* em 1967.

<sup>9</sup> Os relatos sobre o início da interação diferem: de acordo com Konder (2008, p. 54), Coutinho principiou o contato enviando uma carta com o artigo sobre Sartre. Coutinho (Nobre & Rego, 2000, p. 374), por sua vez, relata que um amigo entregou o texto a Konder e este iniciou a correspondência. A carta não se encontra no arquivo pessoal de Konder, disponível para consulta na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Após uma consulta sistemática ao arquivo, no qual se pode encontrar seus livros de estudo, seus originais e alguns documentos pessoais, constatou-se a existência de pouquíssimas cartas, nenhuma que se refere à interação entre Konder e Coutinho. A ausência dificulta um projeto analítico que vá além da memória dos atores. Uma documentação que remeta à juventude dos dois é extremamente rara no seu conteúdo. Tal vazio provavelmente está vinculado à ditadura militar brasileira, que impunha aos perseguidos uma estratégia de eliminação de documentos comprometedores. Konder e Coutinho, dois investigados, correriam risco caso uma correspondência entre eles fosse capturada pela polícia. Esse contexto produz dificuldades para a feitura historiográfica.

fundamental acarretada pela amizade, no entanto, extrapolou em grande medida os círculos intelectuais cariocas. Konder mantinha uma constante troca de cartas com o intelectual marxista Georg Lukács desde 1961 (Konder, 1961). Konder colocaria Coutinho em contato com o autor. O jovem (Coutinho, 1963b) enviou sua primeira carta em agosto de 1963, iniciando uma correspondência que seria central na constituição de seu pensamento.

O primeiro texto que apareceu na *Ângulos*, “O processo das contradições e a revolução brasileira”, é o que está mais conectado com a atividade política. O escrito tenta esboçar algumas contradições na atuação do movimento comunista para a construção de uma revolução. Há uma tensão com a própria atuação dentro do movimento estudantil da UFBA. Mais precisamente, tornou-se enquanto universitário um dos representantes do diretório acadêmico, vinculando-se à União Nacional dos Estudantes (UNE). Teve uma pequena aproximação com o núcleo do Centro Popular de Cultura (CPC), principalmente orquestrado por Francisco de Assis naquele local<sup>10</sup>.

O advogado Nemésio Salles era a figura central do movimento estudantil da UFBA, estando inclusive vinculado ao Comitê Regional do PCB. Uma das suas atividades era aproximar o movimento estudantil dos sindicatos, estabelecendo apoio e oferecendo recursos jurídicos<sup>11</sup>. Coutinho não realizava tais ações. Não era e nunca foi um homem da organização política. Atuava fundamentalmente como um escritor, redigindo textos para serem debatidos nas reuniões e estabelecendo problemas. Tinha uma conduta mais reflexiva do que prática.

Enviou o escrito para Prado Júnior, repetindo uma vez mais a operação realizada com seus primeiros textos. Tratava-se de um aprofundamento do debate anterior com o intelectual paulista acerca do texto sobre a revolução de 1798, publicado no *Jornal da Bahia* em 1959. Colocava-se na carta como um discípulo do autor, contudo esboça preocupações e problemas para os quais não consegue achar resposta na obra do paulista. As dúvidas, no entanto, são seguidas de um pedido de desculpas, retomando o tom de cordialidade:

Quero que o sr. perceba que eu não o estou criticando (longe de mim esta absurda pretensão!). O que me torna confuso é justamente o fato de eu ser um seu discípulo, isto é, partir fundamentalmente de suas obras (sejam elas tanto filosóficas, como econômicas, como sociológicas) para elaborar as minhas conclusões próprias a respeito, no caso aí exposto, da questão

<sup>10</sup> Entrevista de Coutinho a Marcelo Ridenti em 24 de janeiro de 1996. Os autores agradecem ao professor Marcelo Ridenti por ceder o texto da entrevista.

<sup>11</sup> Sobre a atuação de Nemésio, cf. Oliveira (1995).



brasileira. Por isto é que me encontro em dúvidas no que toca às contradições históricas da sociedade brasileira. E seria imensamente grato se o próprio “mestre” me aclarasse as dúvidas citadas (o que o sr. faria muito bem caso se dispusesse a tal).<sup>12</sup>

Sua publicação na *Movimento*, revista da UNE editada no Rio de Janeiro, segue a mesma tendência do último texto da *Ângulos*. Está diretamente vinculada com suas atividades no movimento estudantil. “A inflação e a contra-inflação” (Coutinho, 1962) tinha um conteúdo mais conjuntural, ao debater os rumos da inflação no presente, fugindo dos temas que costumava cultivar, mais filosóficos e culturais. Não conta com grandes aprofundamentos. É um texto breve. Trata-se de um conteúdo raro dentro da sua obra. Muito ocasionalmente voltou a debater assuntos circunscritos à economia.

## O surgimento de um autor: das revistas e jornais do partido à crítica ao estruturalismo

Coutinho mudou-se ao Rio de Janeiro em 1965, após se formar, indo trabalhar no Tribunal de Contas dessa unidade da federação. O pai viabilizou a posição. O escritor, no entanto, não atuou no órgão. O ministro do tribunal, João Lyra Filho, dispensou o jovem do serviço, mantendo apenas seu vínculo formal à entidade (Nobre & Rego, 2000, p. 375-376). Coutinho deixou o Nordeste após o golpe de 1964, pois estava sendo investigado por um Inquérito Policial Militar (IPM) devido às suas vinculações com o PCB. Diversos jovens militantes ou simpatizantes da organização da cidade também foram inquiridos, entre eles Nemésio Salles e Paulo Fernando de Moraes Filho. Dissuadiu a respeito de suas atividades na ocasião do inquérito, alegando ser vinculado ao Partido Socialista Brasileiro (PSB) e negando qualquer envolvimento com a militância comunista. Não obstante a resposta, teve diversos livros apreendidos de sua biblioteca pessoal, entre eles exemplares de autores marxistas. O evento evidencia a arbitrariedade e a falta de critério dos militares durante tais operações: entre os autores considerados “subversivos” e confiscados estava Georg Hegel<sup>13</sup>. O inquérito indicou a sua prisão preventiva, principalmente devido à sua posição no movimento estudantil. O encarceramento iminente levou a sua mudança<sup>14</sup>.

<sup>12</sup> Coutinho, C. N. (1960, dezembro 17). *Carta a Caio Prado Júnior*. Fundo Caio Prado Júnior, Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), São Paulo.

<sup>13</sup> Konder, L. (1964, abril). *Carta a Georg Lukács*. Coleção Legado de György Lukács, Biblioteca de Manuscritos da Academia Húngara de Ciências, Budapeste.

<sup>14</sup> Serviço Nacional de Informações. Encaminhamento nº 238571. 21 de julho de 1971. Documento disponível no Arquivo Nacional, no fundo do Serviço Nacional de Informações.



O deslocamento foi significativo na sua vida. Por um lado, afastava-se de um universo muito marcado pela figura de seu pai, não obstante ainda tivesse alguma presença. Seus familiares estariam a partir de então a centenas de quilômetros de distância. Por outro, deixava uma capital secundária e decadente economicamente, mesmo que com alguma pujança, e deslocava-se ao epicentro cultural e econômico da realidade brasileira. Rio de Janeiro e São Paulo compartilhavam essa posição, embora a capital carioca estivesse em um período de perda de força, comparado aos seus momentos áureos de sede federal. A estrutura editorial, universitária, jornalística, econômica etc. eram profundamente mais amplas no Sudeste do que no Nordeste, possibilitando oportunidades mais consistentes de projeção. Existe um deslocamento substantivo de jovens escritores e artistas do Nordeste ao Sul do país naquele momento histórico buscando maneiras melhores de se lançar no circuito cultural.

Antes de se mudar definitivamente ao Rio de Janeiro, Coutinho passou uma parte de 1964 na capital, escondido da investigação policial. Permaneceu certo tempo na casa de Leandro Konder<sup>15</sup>. Foi o princípio de uma integração cada vez mais significativa nos espaços culturais na realidade carioca e de uma parceria com Konder que se estenderia ao longo de toda a sua vida. Konder serviu como uma espécie de preceptor para Coutinho, apresentando o baiano para coordenadores de diversos meios editoriais vinculados às esquerdas. Realizava assim uma espécie de transferência de prestígio que possibilitou dar os seus primeiros passos na nova capital.

O primeiro ambiente ao qual se integrou foi a *Estudos Sociais*. Trata-se de uma publicação dirigida por Astrojildo Pereira e vinculada ao PCB que se colocou como um espaço de debate teórico e cultural de 1958 a 1964, quando foi fechada após o golpe. Tal projeto reunia alguns veteranos da legenda, como Armênio Guedes, Jacob Gorender e Mário Alves, e diversos jovens quadros intelectuais vinculados ao comunismo, entre eles Carlos Nelson Coutinho, Fausto Cupertino, Jorge Miglioli e Leandro Konder.

Publicou um texto na revista intitulado “Do existencialismo à dialética: a trajetória de Sartre”, lançado no número 18 de 1963. O escrito é um desdobramento daquele que fora publicado na *Ângulos* em 1961 e encaminhado para Konder. Após lê-lo, o carioca decidiu propor a Coutinho sua publicação na *Estudos Sociais*. Depois de realizadas algumas reelaborações, seria destinado ao comitê editorial.

---

<sup>15</sup> A informação encontra-se em uma carta de Konder (1964) a Lukács na qual relata os acontecimentos de abril de 1964.

O escrito foi perpassado por uma polêmica interna no editorial entre Alves, Gorender e Guedes. Os membros debatiam acerca da natureza da publicação e da qualidade da sua filiação às diretrizes do partido. Guedes defendia que a revista tivesse um caráter mais aberto a intervenções exógenas (Malin, 2018, p. 136-137), enquanto os outros desejavam um maior alinhamento com o Comitê Central (Arias, 2002, p. 68-71). O artigo, repleto de críticas ao marxismo stalinista e simpático a Sartre, não foi aceito de imediato porque intervinha nesse nivelamento de convergência com a legenda. Colocava-se assim um incômodo para quem queria ter uma conexão estreita com o PCB. Ficaria em debate durante um ano inteiro até finalmente ser publicado em uma sessão intitulada “Problemas em debate” (Nobre & Rego, 2000, p. 380). Guedes venceu, pelo menos naquele momento. Tratava-se do primeiro texto de Coutinho publicado em um órgão vinculado ao PCB no Rio de Janeiro. Era sua entrada, marcada por uma polêmica.

Outro espaço que Konder possibilitou ao amigo foi a *Folha da Semana*, semanário carioca vinculado ao PCB. O golpe militar mudou profundamente o cenário editorial carioca. As publicações vinculadas ao partido foram especialmente afetadas: o jornal oficial do partido *Novos Rumos* e a revista *Estudos Sociais* foram fechados. O semanário foi uma tentativa de rearticular uma parcela da esquerda jornalística da capital que perdera seus espaços de intervenção.

Foi fundado em 1965 e reunia diversas figuras como Alex Viany, Arthur Poerner, Ferreira Gullar, José Carlos Avellar, Leandro Konder, Luis Carlos Maciel, Luiz Mário Gazzaneo, Marcio Moreira Alves, Maurício Azedo, Mauro Lins e Silva, Otto Maria Carpeaux, Paulo Francis e Sérgio Cabral (Kucinski, 2001, p. 30; Poerner, 2019, p. 176) – nem todos eram vinculados ao partido. Konder dirigia a seção cultural do editorial e mantinha uma coluna semanal de crítica literária (Konder, 2008, p. 65).

Sua trajetória a partir de então desenvolver-se-ia em dois âmbitos profundamente interligados. Por um lado, os novos espaços proporcionaram ao autor baiano oportunidades de intervenção de maior fôlego, que frequentemente utilizaria para consagrar-se enquanto intelectual. Por outro, desempenharia um importante papel como receptor de autores ao debate, especialmente Gramsci e Lukács. Este processo estava intrinsecamente ligado à constituição de sua própria dimensão autoral.

A oportunidade fundamental nesse sentido se deu quando conheceu Ênio Silveira, proprietário de duas das mais importantes editoras brasileiras: a Civilização Brasileira e a Paz & Terra. Coutinho e Konder aproximaram-se profundamente dessa figura, inserindo-se em vários dos seus projetos. Os dois fundamentais foram as edições de Gramsci e



Lukács. A dupla se tornaria nacionalmente conhecida por meio da difusão desses trabalhos.

O primeiro contato consistente com o editor deu-se quando Konder buscou uma casa para editar Lukács, com Silveira bem recepcionando a iniciativa. Prepararam dessa forma três obras do intelectual húngaro: *Ensaaios sobre literatura* (1965), *Introdução a uma estética marxista* (1968a) e *Marxismo e Teoria da Literatura* (1968b). As cartas e o contato direto com Lukács conferiam aos rapazes um capital significativo na negociação. A inserção na Civilização Brasileira configurou uma mudança na trajetória dos jovens escritores. A concepção das personagens como autores estaria concatenada com a relação estabelecida com Silveira, na realidade com a posição que ele tinha dentro do universo cultural brasileiro, capaz de emplacar novas figuras.

*Ensaaios sobre literatura* começou a ser esboçada em 1963, quando Coutinho e Konder propuseram a conversão de alguns títulos do intelectual ao editor. Silveira, habituado às dinâmicas do mercado editorial, sugeriu a montagem de uma antologia para introduzir Lukács ao público em vez da publicação de uma obra completa. As possibilidades de acesso ao seu pensamento até então estavam restritas a uma elite que lia em francês, italiano ou alemão. O trabalho apareceu em 1965 e reuniu uma ampla equipe de tradutores. Fizeram parte do projeto Coutinho, Konder, Elio Gaspari, Giseh Vianna Konder, Hilda Vieira de Castro Merquior, Luís Fernando Cardoso, Luiz Mário Gazzaneo e Roberto Franco de Almeida. Konder (1965) escreveu uma apresentação para o título, “Sobre Georg Lukács”, esboçando um panorama sobre a trajetória e a obra do intelectual. O projeto foi constituído em diálogo direto com Lukács, com o húngaro fazendo diversas sugestões<sup>16</sup>. Pode-se ver na correspondência a montagem do título.

Coutinho cumpriria um papel significativamente maior na edição das duas obras seguintes. Traduziu, junto de Konder, *Introdução a uma estética marxista* (Lukács, 1968a), publicada em 1968. A obra consistia em uma antologia de textos lançada pela editora italiana Riuniti em 1957, vinculada ao Partido Comunista Italiano (PCI). O baiano traduziu quase todos os capítulos, exceto o primeiro, além de redigir suas orelhas (Coutinho, 1968).

A terceira obra, *Marxismo e teoria da literatura*, foi aquela na qual Coutinho teve maior inserção. A publicação foi inicialmente negociada por Konder em sua correspondência com Lukács (Konder, 1963). Coutinho tomaria a frente do projeto,

<sup>16</sup> Sobre o epistolário entre Lukács e os brasileiros, cf. Castro; Maldonado (2022).



ficando responsável pela seleção e tradução dos textos e pelas orelhas do título. O livro foi lançado em 1968, contando com diversas alterações em relação à composição do original *Karl Marx und Friedrich Engels als Literaturhistoriker* (Lukács, 1948). O baiano com uma presença mais lateral no primeiro projeto tornou-se o ator central na edição de Lukács na Civilização Brasileira.

O interesse por Lukács também resultaria em duas outras iniciativas por parte de Coutinho. Escreveu uma apresentação à obra *Realismo Crítico Hoje* (Lukács, 1969), publicada pela Coordenada, com tradução de Ermínio Rodrigues, e traduziu uma das entrevistas de Lukács em *Conversando com Lukács* (Abendroth et al., 1969), publicada pela Paz & Terra com tradução de Giseh Vianna Konder, ambas em 1969. Coutinho sugeriu à última editora no mesmo ano a publicação de *História e consciência de classe*, dispondo-se a realizar a tradução. A editora negociou a versão da obra com Lukács (Paz & Terra, 1969), no entanto não obteve sucesso. A escalada autoritária do país inviabilizou a continuidade do projeto.

Coutinho engajou-se em outro projeto editorial significativo no período: as edições de Gramsci. A participação na versão das obras em português projetou Coutinho como um dos principais intérpretes do intelectual italiano no Brasil.<sup>17</sup> Foi na segunda metade da década de 1960 que tal imagem começou a ser construída. Coutinho, Konder e Luiz Mário Gazzaneo reuniram uma equipe para verter ao português sete obras: *Il Materialismo Storico e La Filosofia di Benedetto Croce* (1948), *Il Risorgimento* (1949), *Passato e Presente* (1951), *Cartas do Cárcere* (1966a), *Os Intelectuais e a Organização da Cultura* (1968c); *Literatura e Vida Nacional* (1968a); e *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno* (1968b).<sup>18</sup>

A iniciativa, realizada em um contexto de repressão, foi elaborada por militantes do PCB que estavam sendo investigados pela polícia e tinham dificuldade de encontrar emprego. Foi assim construída por jovens instruídos, mas que não eram especialistas na língua e na temática trabalhadas. A condição excepcional gerou uma série de problemas na empreitada, de diversos erros de grafia ao fracasso do plano original de sete livros, já que dois ficaram de fora: *Il Risorgimento* (1949) e *Passato e Presente* (1951).

Foi publicado em 1966 o trabalho *Il Materialismo Storico e La Filosofia di Benedetto Croce*, sob o título *Concepção Dialética da História* (Gramsci, 1966b). O livro foi traduzido

<sup>17</sup> Sobre esse assunto, cf. Secco (2002).

<sup>18</sup> Entrevista de Coutinho a Marcelo Ridenti em 24 de janeiro de 1996. O texto está no arquivo pessoal de Marcelo Ridenti.

por Coutinho e contava com uma apresentação sua e de Konder (Coutinho & Konder, 1966), “Nota sobre Antonio Gramsci”. Apareceu no mesmo ano *Cartas do Cárcere*, com seleção e tradução de Noenio Spinola, um antigo colega da Faculdade de Direito que também participou da revista *Ângulos*. Três outros trabalhos apareceram em 1968: *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*; *Literatura e Vida Nacional*; e *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*. Os dois primeiros vertidos por Coutinho, que também escreveu as orelhas dos títulos, e o último por Gazzaneo.

Ao lado desses projetos, Coutinho também atuou na conversão de outros trabalhos. Verteu *As ideias estéticas de Marx* de Adolfo Sánchez Vázquez (1968), *Dialética e cultura* de Lucien Goldmann (1968), *O Fim da Utopia* de Herbert Marcuse (1969), *De uma sagrada família a outra. Ensaio sobre os marxismos imaginários* de Raymond Aron (1970), *Karl Barth, teólogo da liberdade* de Daniel Cornu (1971) e *O cotidiano e a história* de Agnes Heller (1972). Todas as obras foram editadas pela Paz & Terra, exceto o livro de Aron, publicado pela Civilização Brasileira sob o pseudônimo de Luís Augusto do Rosário (Netto, 2013). Trata-se da única obra a qual Coutinho optou por não assinar a tradução. Verter ao português um autor crítico ao marxismo seria estar vulnerável a intensa oposição no partido.

Os trabalhos de tradução e organização desempenharam um papel central na construção de uma dimensão autoral por parte de Coutinho. Estão intrinsecamente ligados à sua produção textual, uma vez que Gramsci e especialmente Lukács eram núcleos conceituais organizadores da sua produção.

O exercício autoral mais consistente de Coutinho também esteve estreitamente vinculado a Ênio Silveira, evidenciando uma vez mais como o editor era uma figura incontornável na sua trajetória. A sua estreia como escritor e a consolidação da sua projeção no debate público deram-se fundamentalmente vinculados a esta personagem, particularmente com o lançamento de seus textos na *Revista Civilização Brasileira* (RCB), publicação seriada da editora. Mais do que isso, o espaço ensejaria o acontecimento que define propriamente o que é um autor: apareciam os seus primeiros livros, *Literatura e Humanismo*, em 1967, e *O estruturalismo e a miséria da razão*, em 1972.

Fundada por Ênio Silveira e Moacyr Félix em 1965, a RCB tornou-se um importante espaço de debate e um polo da intelectualidade crítica à ditadura militar. Seria por isso fechada após o Ato Institucional número 5. Coutinho publicou diversos textos e traduções nesse periódico, entre eles “Uma análise estrutural dos romances de Graciliano Ramos” (Coutinho, 1966c), “Humanismo e Irracionalismo na Cultura Contemporânea” (Coutinho,



1966b), uma análise da obra de Jorge Semprún (Coutinho, 1966a), “Problemas da Literatura Soviética” (Coutinho, 1967c) e uma resenha da obra *Existencialismo ou marxismo* (1967), de Lukács (Coutinho, 1967b). Além disso, traduziu “Materialismo Dialético e História da Literatura”, de Lucien Goldmann (1966-1967), e “A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica”, de Walter Benjamin (1968).

O primeiro texto, “Uma análise estrutural dos romances de Graciliano Ramos” (Coutinho, 1966c), é particularmente representativo dos dilemas que sua produção enfrentaria a partir de então. As ideias de Lukács foram incorporadas de maneira mais sistemática em sua elaboração. Uma comparação desse escrito com o publicado na *Estudos Sociais* evidencia a transição entre dois momentos formativos do jovem autor baiano.

O primeiro texto é em grande medida uma tentativa de conceituar o marxismo. Marcado pela leitura de *A Destruição da Razão* (1959), *História e consciência de classe* (1960) e *Existencialismo ou Marxismo?* (1961), Coutinho propunha analisar a trajetória de Sartre a partir de três fases: seu período de “existencialismo ortodoxo”, o momento do pós-guerra e a transição ao marxismo. O argumento se desenvolve a partir de uma leitura da transformação da percepção de Sartre ao longo desses estágios. O francês, segundo Coutinho, deixara de ser um radical idealista para se tornar um marxista na maturidade, encontrando na dialética uma forma de compreender historicamente o homem.

Coutinho afirmou anos mais tarde, ao rememorar o artigo, que buscava apontar Gramsci, Lukács e o último Sartre como aliados na batalha por um marxismo renovado (Nobre & Rego, 2000, p. 380). Dispunha-se desta forma uma combinação pouco comum dentro das fileiras do PCB. Tal arranjo tornou-se possível no contexto da crise do XX Congresso, quando se criticava o stalinismo e se procuravam novos referenciais teóricos, inclusive fora do marxismo. As ideias centrais do texto foram debatidas com Lukács através de correspondências (Coutinho, 1963b; Coutinho, 1963a; Coutinho, 1964; Lukács, 1963b; Lukács, 1963a). O intelectual húngaro, no entanto, alertou o jovem sobre a inadequação de considerar Sartre um marxista.

Uma operação distinta foi realizada no segundo texto. Não se trata mais de um estudante buscando organizar teoricamente seu pensamento, mas de um jovem autor declaradamente lukacsiano, apresentando uma leitura da obra de Ramos a partir do marxismo. Não há uma ruptura entre os dois escritos, mas um aprofundamento e realinhamento de certas posições. Multiplicam-se as referências a Lukács e ampliam-se

as leituras. Dialogava com *Il Marxismo e la Critica Letteraria* (1964), *La Théorie du Roman* (1963b), *L'Anima e le Forme* (1963a) e *Thomas Mann* (1956).

A base teórica, contudo, não se limita a Lukács. O francês Lucien Goldmann, frequentemente criticado pelo autor húngaro nas cartas com Coutinho, aparece como um importante interlocutor, principalmente através de suas obras *Le Dieu Caché* (1955) e *Pour une sociologie du roman* (1964). O escrito é permeado pelas ideias estéticas desses dois autores, particularmente pelo texto “Narrar ou Descrever?” de Lukács, publicado na antologia *Ensaio sobre literatura* pela Civilização Brasileira em 1965. Sartre, por outro lado, desaparece de suas reflexões.

Em suma, o texto analisa a evolução da obra de Graciliano Ramos por meio de seus romances: *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938). Segundo Coutinho, os livros representam a transição do autor do naturalismo ao realismo. Seguindo a posição de Lukács, o ensaio defende as potencialidades estéticas do realismo, considerado um instrumento mais adequado à representação da realidade. Em contraste, o naturalismo é apresentado como uma perspectiva fragmentária, incapaz de apreender a essência do mundo. A obra de Ramos, vista como a expressão mais elaborada do realismo no Brasil na década de 1930, permitiria a compreensão das contradições do país e sua possível superação em uma sociedade futura sob o socialismo. Assim, estética e política estariam intrinsecamente concatenadas: o romance realista representaria a revolta da consciência contra a fetichização da realidade capitalista.

Os usos de Lukács em ambos os textos são distintos. No primeiro, o húngaro é mobilizado para defender uma tese com a qual, na verdade, discordava. Coutinho preocupava-se então com a busca de referenciais para pensar seu objeto, encontrando-os em Lukács, mas não exclusivamente. Na análise sobre Ramos, adere plenamente às posições do intelectual, sem grandes embates. A construção da imagem de autor lukacsiano apresenta-se mais clara neste caso: a filiação a Lukács é explícita e menos acidentada do que no ensaio sobre Sartre. Em outras palavras, Lukács deixa de ser apenas uma entre várias influências para se tornar o principal referencial do jovem.

Essas publicações também evidenciam dois espaços de escrita distintos. A *Estudos Sociais* constituía um universo de leitores restrito principalmente aos quadros do partido. A RCB, por outro lado, oferecia ampla visibilidade, colocando os textos de Coutinho ao alcance de boa parte da intelectualidade do país.



Coutinho (1966) publicou alguns meses depois um artigo intitulado “Humanismo e irracionalismo na cultura contemporânea”, no número 8 da RCB . O texto retoma e amplia os problemas enfrentados em seu primeiro ensaio. Se o primeiro artigo na RCB esboçava uma empreitada na crítica literária, este expandia suas considerações acerca da obra de Ramos para uma avaliação da estética como um todo. Realizava um balanço das principais tendências no campo da cultura, definindo como dilema central a oposição entre irracionalismo e humanismo. O texto é profundamente marcado pelo clima de disputa sobre os rumos da cultura posto no pós-golpe, que se confundia com a própria luta pelos rumos do país:

A luta entre humanismo e irracionalismo – expressão ideológica das lutas sociais entre progresso e reação, entre democracia e obscurantismo, entre socialismo e capitalismo – determina, assim, a totalidade dos problemas culturais de nosso tempo. Ela coloca uma alternativa fundamental ao intelectual responsável, alternativa que se concretiza em inúmeras opções concretas: Camus ou Sartre? Heidegger ou Lukács? Joyce ou Thomas Mann? Fellini ou Visconti? Beckett ou Bertolt Brecht? Clarice Lispector ou Graciliano Ramos? Em suma: uma fuga irracional e mistificadora em face dos problemas cruciais de nossa época ou uma luta concreta e efetiva contra a desumanidade e a alienação capitalista? (Coutinho, 1966, p. 197).

Consolidava, assim, a chave de leitura que orientaria sua produção nos anos seguintes, fundamentada nas ideias de Lukács. Seus textos seguintes reafirmam essa orientação, como o artigo “Jorge Semprún: ‘A longa viagem’”, publicado no final de 1966, e a resenha de *Existencialismo ou Marxismo?*, obra de Lukács traduzida por José Carlos Bruni e lançada pela editora Senzala em 1967.

Coutinho analisa no primeiro texto *A Longa Viagem*, do escritor espanhol Jorge Semprún. Critica as técnicas de vanguarda empregadas na obra, que identifica como expressões irracionalistas da cultura. Destaca concomitantemente as suas qualidades na medida em que o livro se aproxima do romance realista. O segundo texto enfatiza a importância de *Existencialismo ou Marxismo?* dentro do pensamento lukacsiano, sintetizando as preocupações centrais do próprio Coutinho naquele momento: a defesa de uma filosofia marxista diante do avanço do existencialismo.

A afirmação mais consistente de Coutinho como intelectual ocorreu ainda em 1967 com o lançamento de seu primeiro livro, *Literatura e humanismo*, pela Paz & Terra. A obra, que teve as orelhas assinadas por Konder, reúne e aprofunda textos sobre filosofia e literatura publicados em diferentes periódicos. A recepção foi positiva. O crítico Franklin de Oliveira (1967), em resenha publicada no *Correio da Manhã*, classificou o livro como a



melhor obra do ano no campo da crítica literária, reconhecimento que refletia a crescente inserção de Coutinho no circuito cultural da capital.

O lançamento do livro também marcou a retomada da correspondência entre Coutinho e Lukács, interrompida desde 1964 em razão do regime militar. A perseguição política e as instabilidades decorrentes de sua mudança ao Rio de Janeiro dificultaram a retomada imediata do contato após o golpe. Somente em 1967 Coutinho enviou uma carta ao húngaro, encaminhando sua nova obra e fazendo um balanço de sua trajetória, ao mesmo tempo em que reafirmava sua filiação ao pensamento de Lukács:<sup>19</sup>

Três anos se passaram desde que nossa correspondência foi interrompida; durante esse período, minha concepção do marxismo passou por grandes reviravoltas. Fui além de minha concepção "historicista" do marxismo, da redução que fiz - de acordo com Goldmann, Sartre, Gramsci e o jovem Lukács - do marxismo ao materialismo histórico; assimilei o materialismo dialético e abandonei o "historicismo" em favor do método histórico-sistemático. Seguindo essa nova orientação, escrevi um ensaio sobre as tendências da estética marxista atual, combatendo o "liberalismo" (Garaudy, Fischer, etc.) e o sectarismo, e um novo estudo sobre Sartre, no qual tento mostrar que as limitações atuais de Sartre derivam de sua redução do marxismo ao materialismo histórico, a uma antropologia pura; esses dois ensaios, juntamente com alguns artigos de crítica literária, formam meu primeiro livro, *Literatura e Humanismo*, que lhe envio. Ele lhe deve, sem dúvida, tudo o que há de certo e verdadeiro nele (Coutinho, 1967).

O livro é composto por oito ensaios, dois inéditos e os demais publicados anteriormente em periódicos como *Ângulos*, *Jornal da Bahia*, *Estudos Sociais* e *RCB*. A obra busca oferecer uma crítica lukacsiana sobre questões fundamentais da cultura e da literatura, organizando a produção intelectual de Coutinho sob uma temática central:

apresentar a contradição entre a racionalidade humanista e as tendências irracionais como a contradição básica da cultura de nossos dias e, ampliando o problema ao campo da literatura, em mostrar as relações que se estabelecem entre racionalismo, humanismo e realismo, por um lado, e entre irracionalismo e vanguarda anti-realista, por outro (Coutinho, 1967a, p. 1).

Dessa forma, Coutinho buscou conferir coerência à sua trajetória intelectual, alinhando sua produção anterior a um projeto bem definido. Mais do que uma simples coletânea *Literatura e Humanismo* representava sua afirmação como intelectual público. A escolha de se tornar um "lukacsiano" não era apenas teórica, mas também uma tomada de posição no debate cultural, marcada pela defesa da razão humanista e do realismo contra as tendências irracionais na cultura brasileira. Embora a obra ressignifique sua

<sup>19</sup> Coutinho, C. N. (1967, setembro 26). *Carta a György Lukács*. Coleção Legado de György Lukács, Biblioteca de Manuscritos da Academia Húngara de Ciências, Budapeste.

produção prévia, organizando-a em torno de um objetivo definido posteriormente, essa operação também impõe uma visão linear e coerente de sua trajetória, atenuando as transformações e inflexões de seu pensamento ao longo do tempo. Esse pensamento inseria-se em um movimento mais amplo. Mais precisamente, Coutinho estava vinculado ao projeto cultural do PCB, ou melhor, a uma fração do partido cuja primeira expressão surgiu em torno da revista *Estudos Sociais* e que, posteriormente, se organizou no Comitê Cultural. Ingressou nesse grupo, tornando-se um dos responsáveis por sua elaboração teórica.

O escritor baiano rememoraria sua participação política naquele contexto por meio de um duplo movimento. O fechamento dos espaços públicos com o golpe de 1964 levou muitos autores a deslocarem seu foco da intervenção política direta para o campo da cultura. Dessa forma, seus textos iniciais, voltados para temáticas diversas como revoluções históricas e história econômica, deram lugar a reflexões sobre a cultura. Paralelamente, no caso dos comunistas, consolidou-se uma espécie de “divisão do trabalho” entre os intelectuais e a direção do partido. Enquanto os primeiros desfrutavam de relativa liberdade no âmbito cultural, eram ao mesmo tempo afastados das questões políticas centrais, monopolizadas pelos dirigentes. Esse arranjo permitiu o que Coutinho chamou de uma “ambígua coexistência” entre um marxismo ocidental, predominante na cultura, e um “marxismo-leninismo”, que orientava a esfera política do partido. Em outras palavras, embora tenha ascendido dentro do PCB como um jovem quadro, Coutinho ainda encontrava barreiras para intervir diretamente nos rumos da legenda.

Seus círculos sociais refletiam esse movimento. Comprometido com o partido, mas sem ocupar posições de liderança política imediata, Coutinho aproximou-se de militantes envolvidos na produção intelectual do PCB, especialmente no campo da cultura, como Ferreira Gullar, Leandro Konder e Oduvaldo Vianna Filho, membros do Comitê Cultural. Apesar das diferenças entre esses autores, havia um sentido comum em suas intervenções: a busca por uma cultura nacional-popular fundamentada em Gramsci e Lukács, uma afinidade compartilhada por diversos intelectuais comunistas.<sup>20</sup>

Os membros do grupo atuavam entre intelectuais e artistas, mas o partido não possuía uma diretriz formal para a cultura. Houve uma tentativa de estruturar uma política cultural para o PCB No final dos anos 1960, impulsionada por essa fração. Mais especificamente, cabia-lhes elaborar, a pedido do Comitê Central, um balanço da cultura

<sup>20</sup> Entrevista de Coutinho a Marcelo Ridenti em 24 de janeiro de 1996.



brasileira a ser apresentado no VII Congresso do partido, em 1969, com o objetivo de definir diretrizes para o campo cultural<sup>21</sup>. O relatório deveria ser redigido por quatro autores: Carlos Nelson Coutinho, Dias Gomes, Leandro Konder e Nelson Werneck Sodré.

A escolha de Coutinho para essa tarefa foi significativa. Recém-chegado de Salvador, rapidamente ascendeu a uma posição de destaque no partido. Assumia, afinal, a formulação das bases para uma política cultural da legenda, apoiado pelo reconhecimento obtido com suas publicações na *Civilização Brasileira*, especialmente pela recepção de Gramsci e Lukács, o que garantiu projeção entre os intelectuais do partido. Além disso, sua nomeação também evidencia a importância crescente da recepção de Lukács dentro do PCB. Konder, Coutinho e Sodré foram diretamente responsáveis por difundir o pensamento do intelectual húngaro no Brasil.

No entanto, uma série de dificuldades impediu a concretização das discussões. O encontro para o qual os ensaios foram preparados nunca ocorreu e, além disso, apenas Coutinho e Sodré entregaram seus textos. O baiano escreveu um artigo sob o pseudônimo de Guilherme Marques, intitulado “Cultura e ideologia. O problema da cultura brasileira: ‘nacionalismo cultural’ ou assimilação criadora da cultura universal”, publicado posteriormente na revista *Estudos* (Coutinho, 1970). Esse texto serviria de base para dois artigos futuros: “Cultura e política no Brasil contemporâneo”, de 1972; e “Cultura e Democracia no Brasil”, publicado na revista *Encontros com a Civilização Brasileira* em 1979. Sodré, por sua vez, escreveu um longo ensaio que posteriormente se transformaria no livro *Síntese de história da cultura brasileira*, publicado pela *Civilização Brasileira* em 1970.

Segundo Coutinho, o objetivo central desses textos era realizar um balanço da cultura da época e combater dois inimigos principais: o estruturalismo e a contracultura.<sup>22</sup> A escolha desses adversários não foi aleatória. O projeto cultural do PCB, que ganhara projeção entre 1964 e 1968, sofreu um duro golpe com o decreto do AI-5 em dezembro de 1968. As opções políticas radicalizaram-se. A ideia de uma posição baseada em uma frente ampla de classes contra a ditadura tornou-se mais distante para muitos militantes. Esse cenário teve reflexos diretos na cultura. Napolitano (2013) aponta o declínio e a crise da predominância cultural do PCB e a ascensão de perspectivas estéticas alternativas. O estruturalismo no meio acadêmico e a contracultura na estética tornaram-se fortes expressões dessa mudança nos debates culturais.

<sup>21</sup> Sobre o relatório cf. Frederico (2007, p. 349-355).

<sup>22</sup> Entrevista de Coutinho a Marcelo Ridenti em 24 de janeiro de 1996.



Coutinho chegou a expressar e debater essas disputas em correspondências com Lukács, apontando o estruturalismo como a nova expressão do irracionalismo após o existencialismo. Em outubro de 1967, Lukács enviou-lhe uma carta expressando satisfação por retomar o contato e por saber que Coutinho não sucumbira à moda do estruturalismo. O comentário ia ao encontro das inquietações do jovem autor que, em resposta, escreveu novamente ao mestre retomando o tema:

Quanto à sua preocupação com o estruturalismo (com a qual estou totalmente de acordo), devo dizer-lhe que essa moda perigosa já está muito difundida aqui, particularmente em sua versão althusseriana; intimamente ligada a essa influência está a penetração das posições "esquerdistas" do discípulo de Althusser, Régis Débray. O 'tertium datur' lukacsiano permanece aqui, como em tudo o mais, infelizmente, uma posição contra a corrente [...] Até onde sei, sou o único lukacsiano ortodoxo (ou mesmo "fanático", para usar uma expressão que Cases usou para descrever sua posição anterior) em meu país. Mas tenho certeza de que nos próximos trinta anos, como você disse, todos concordarão conosco...

Após essa segunda troca de cartas em fevereiro de 1968, Lukács reiterou que o estruturalismo "não terá uma vida muito longa, mas hoje é sem dúvida o maior obstáculo ao desenvolvimento do marxismo" (Coutinho, 2010, p. 9-10). Coutinho decidiu iniciar a redação de uma nova obra a partir desse momento, dedicada a uma análise crítica do estruturalismo e de seus principais expoentes teóricos. Planejava apresentar pessoalmente o desenvolvimento do trabalho a Lukács. Mais precisamente, Coutinho fez uma viagem à Europa com o objetivo de visitar Moscou. Pretendia fazer uma breve parada em Budapeste antes de retornar ao Brasil. No entanto, a intervenção soviética na Tchecoslováquia impediu sua chegada à capital húngara.

Em vez de parar no país do leste europeu, seguiu para a Itália, de onde escreveu novamente a Lukács, desta vez em italiano – algo inédito em sua correspondência – detalhando seus objetivos com a nova obra. A carta, contudo, nunca obteve resposta. Coutinho afirmava no seu conteúdo buscar "enfrentar o estruturalismo (e combatê-lo) à luz do seu pensamento; mas como você não escreveu nada sobre essa nova forma de destruição da Razão, encontrei-me diante da situação de buscar para mim as soluções lukacsianas corretas." (Coutinho, 1968). Apresentava o marxismo como um *tertium datur* entre o irracionalismo existencialista e o racionalismo formal e abstrato estruturalista.

O livro, concluído em 1969, enfrentou grandes dificuldades para ser publicado. Coutinho tentou lançá-lo pela Paz & Terra em 1970, editora responsável por sua primeira obra, sem sucesso. O cenário favorável encontrado junto às editoras Civilização Brasileira

e Paz & Terra nos anos 1960, que possibilitou uma intensa recepção das ideias de Gramsci e Lukács, já não existia após o acirramento da repressão em 1968. A partir de 1971, enviou o texto para as editoras Vozes, Perspectiva e Brasiliense.

Em meio às negociações com a última, escreveu uma carta a Caio Prado Júnior, retomando o diálogo da juventude e detalhando a situação editorial da sua obra. Buscou convencer o autor paulista a lançar seu trabalho em conjunto com o livro que este preparava sobre o estruturalismo, *Estruturalismo de Levi-Strauss; Marxismo de Louis Althusser*.<sup>23</sup> No entanto, a resposta da editora foi negativa. Apenas em 1972 conseguiu publicar a obra pela Paz & Terra, com uma tradução em espanhol lançada pela editora mexicana Era no ano seguinte (Coutinho, 1973).

Paradoxalmente o momento de maior consagração intelectual de Coutinho – a publicação de sua primeira obra sistemática, distinta de sua antologia inicial – coincidiu com um período particularmente adverso para sua trajetória e para a recepção de Lukács no Brasil. Muitos dos espaços de publicação que utilizara foram fechados. Lukács, com quem manteve um intenso diálogo nos anos 1960, faleceu em 1971. A recepção de sua obra no Brasil foi interrompida pela repressão. Em 1976, Coutinho foi forçado ao exílio. Assim, ao mesmo tempo que consolidava sua identidade como autor, via seus principais espaços de produção e reconhecimento serem violentamente interrompidos.

## Ponderações Finais

A trajetória de Carlos Nelson Coutinho, do ambiente familiar e intelectual em Salvador ao amplo circuito cultural do Rio de Janeiro, demonstra como as condições históricas e os espaços de sociabilidade foram determinantes para a consolidação de sua dimensão autoral. Em Salvador, embora a vida familiar e a biblioteca do pai tenham propiciado o contato inicial com leituras marxistas, foi na universidade, nos jornais e nas revistas, que Coutinho começou a exercitar a escrita e a refletir politicamente. A partir das primeiras colaborações n'A Palavra, no Jornal da Bahia e na revista Ângulos, ele forjou, ainda que de modo incipiente, as bases de um autor em formação.

A mudança para o Rio de Janeiro, motivada em parte pelas pressões políticas da ditadura, significa um salto qualitativo no acesso a círculos de produção e consagração simbólica. A amizade com Leandro Konder e a mediação de Ênio Silveira inauguram uma

---

<sup>23</sup> Coutinho, C. N. (1971, novembro 5). Carta a Caio Prado Júnior. Fundo Caio Prado Júnior, Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), São Paulo. Esse diálogo foi parcialmente reproduzido em Pericás (2016). Sobre o livro de Caio Prado Júnior sobre o estruturalismo cf. Prado (1971).

nova fase, na qual Coutinho deixa de ser um jovem estudante que ocasionalmente publicava textos em periódicos baianos para se tornar tradutor, editor e intérprete de grandes nomes do marxismo, como Lukács e Gramsci. Desse contato emergem não apenas traduções referenciais – que por si só já lhe davam estatuto relevante entre os intelectuais de esquerda –, mas também a possibilidade de publicar artigos em veículos de alcance nacional, como a *RCB*, além de consolidar seu perfil no PCB ao participar dos debates culturais organizados pelo partido.

É nesse contexto que Coutinho surge, efetivamente, como autor. Embora *Literatura e Humanismo* (1967) tenha sido a primeira obra a integrar e sistematizar suas reflexões filosófico-literárias, foi com *O Estruturalismo e a Miséria da Razão* (1972) que ele atingiu o ápice de sua autonomia intelectual, reafirmando-se como um pensador marxista capaz de elaborar críticas originais às tendências filosóficas e metodológicas vigentes. O esforço de analisar e refutar o estruturalismo, concebendo-o como herdeiro de um irracionalismo “travestido de cientificismo”, alinha-se à perspectiva lukacsiana de combate às correntes que obscurecem a historicidade das relações sociais.

A relevância de *O Estruturalismo e a Miséria da Razão* não se limita à ideia de “mais uma intervenção marxista” no debate teórico da época. Sua importância reside no fato de que Coutinho, após enfrentar diversas dificuldades para encontrar uma editora disposta a lançar um texto crítico e denso em plena ditadura militar, consolida-se definitivamente como uma voz própria no campo do pensamento brasileiro. Seu posicionamento firme – ainda que filiado ao PCB – denota uma autonomia reflexiva: não se limitava a repetir fórmulas ou slogans de partido, mas produzia uma contribuição consistente e articulada às polêmicas filosóficas do período.

Assim, a publicação de *O Estruturalismo e a Miséria da Razão* funciona como o marco definitivo de estabelecimento de Coutinho como autor. Se antes havia uma imagem de “jovem promissor” que circulava pelos jornais e pelo PCB, esse livro o inscreveu de modo incontornável na tradição do marxismo brasileiro, exibindo uma maturidade teórica inegável. Nessa obra, Coutinho não apenas aprofunda críticas a tendências hegemônicas na academia ocidental, mas também reivindica, para a cultura brasileira, a possibilidade de um pensamento que concilie compromisso político e rigor conceitual. Dessa forma, *O Estruturalismo e a Miséria da Razão* não é somente uma crítica ao estruturalismo: é também a expressão de um autor já consolidado, capaz de influenciar debates futuros sobre teoria marxista, estética e política no país.

## Referências

### Artigos de jornal

- Coutinho, C. N. (1959a, novembro 27–28). História econômica da Revolução de 1798. *Jornal da Bahia*, 2º Caderno, p. 1.
- Coutinho, C. N. (1959b, outubro). O erro fundamental da candidatura nortista. *A Palavra*, p. 5.
- Oliveira, F. de. (1967, dezembro 10). Literatura 1967. *Correio da Manhã*, 4º Caderno, p. 2.

### Cartas

- Konder, L. (1961, fevereiro 6). *Carta ao Movimento dos Partidários da Paz*. Rio de Janeiro.
- Konder, L. (1963, maio 20). *Carta a Georg Lukács*. Rio de Janeiro.
- Coutinho, C. N. (1964, fevereiro 3). *Carta a Georg Lukács*. Salvador.
- Silveira, Ê. (1964, fevereiro 5). *Carta a Georg Lukács*. Rio de Janeiro.
- Konder, L. (1964, maio). *Carta a Georg Lukács*. Rio de Janeiro.
- Coutinho, C. N. (1967, setembro 26). *Carta a Georg Lukács*. Rio de Janeiro.
- Paz & Terra. (1969, janeiro 28). *Carta a Georg Lukács*. Rio de Janeiro.
- Coutinho, C. N. (1963b, agosto 15). *Carta a Georg Lukács*. Salvador.
- Lukács, G. (1963b, agosto 31). *Carta a Carlos Nelson Coutinho*. Budapeste.
- Coutinho, C. N. (1963a, outubro 23). *Carta a Georg Lukács*. Salvador.
- Lukács, G. (1963a, novembro 8). *Carta a Carlos Nelson Coutinho*. Budapeste.

### Documentos arquivísticos

Serviço Nacional de Informações. Encaminhamento n. 238571. 21 de julho de 1971. Documento disponível no Arquivo Nacional, no fundo do Serviço Nacional de Informações.

### Entrevistas

Carlos Nelson Coutinho por Marcelo Ridenti em 1996.



Florisvaldo Mattos pelos autores do artigo em 2022.

Neméssio Salles pelos autores do artigo em 2022.

Paulo Fernando de Moraes Farias pelos autores do artigo em 2022.

## **Livros e artigos**

Abendroth, W., Holz, H. H., & Kofler, L. (1969). *Conversando com Lukács*. Paz & Terra.

Amado, J. (1933). *Cacau*. Ariel.

Amado, J. (1942). *Terras do sem-fim*. Martins.

Arias, S. (2003). *A Revista Estudos Sociais e a experiência de um “marxismo criador”* (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Campinas.

Aron, R. (1970). *De uma sagrada família a outra: Ensaio sobre os marxismos imaginários*. Civilização Brasileira.

Benjamin, W. (1968). A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. *Revista Civilização Brasileira*, 4(19–20), 251–283.

Bobbio, N. (1997). *Os intelectuais e o poder: Dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. Unesp.

Castro, J. V. L., & Maldonado, L. E. (2022). O epistolário de György Lukács com o Brasil: O autor e os atores na construção de sua recepção. In *XXVI Encontro Estadual de História da ANPUH-SP: O Futuro do Passado* (Anais). <https://www.encontro2022.sp.anpuh.org/anais/trabalhos/lista>

Cornu, D. (1971). *Karl Barth, teólogo da liberdade*. Paz & Terra.

Coutinho, C. N. (1968). Lukács e a estética marxista. In G. Lukács, *Introdução a uma estética marxista* (Orelhas). Civilização Brasileira.

Coutinho, C. N. (1967a). *Literatura e humanismo*. Paz & Terra.

Coutinho, C. N. (1967b). G. Lukács: Existencialismo ou marxismo? *Revista Civilização Brasileira*, 3(16), 254–257.

Coutinho, C. N. (1967c). Problemas da literatura soviética. *Revista Civilização Brasileira*, 3(Caderno Especial 1), 199–222.

Coutinho, C. N., & Konder, L. (1966). Nota sobre Antonio Gramsci. In A. Gramsci, *Concepção dialética da história*. Civilização Brasileira.

Coutinho, C. N. (1966a). Jorge Semprún: “A longa viagem”. *Revista Civilização Brasileira*, 2(9–10), 163–169.



- Coutinho, C. N. (1966b). Humanismo e irracionalismo na cultura contemporânea. *Revista Civilização Brasileira*, 2(8), 165–197.
- Coutinho, C. N. (1966c). Uma análise estrutural dos romances de Graciliano Ramos. *Revista Civilização Brasileira*, 1(5–6), 107–150.
- Coutinho, C. N. (1965–1966). Problemas da literatura soviética. *Ângulos*(18), 76–85.
- Coutinho, C. N. (1963). Do existencialismo à dialética: A trajetória de Sartre. *Estudos Sociais*, 5(18), 148–176.
- Coutinho, C. N. (1962). A inflação e a contra-inflação. *Movimento, Revista da UNE*(5), 23–25.
- Coutinho, C. N. (1961a). Problemática atual da dialética. *Ângulos*, 11(17), 25–47.
- Coutinho, C. N. (1961b). Irracionalismo: Metafísica em pânico. *Afirmção*(10), 39–42.
- Coutinho, C. N. (1960). O processo das contradições e a revolução brasileira. *Ângulos*, 10(16), 29–39.
- Coutinho, N. (1980). *50 poesias de Nathan Coutinho*. S.E.
- Coutinho, N. (1938). *Pequeno ensaio sobre a poesia brasileira*. S.E.
- Coutinho, N. (1930). *Inquietude*. S.E.
- Engels, F. (1985). *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. Global.
- Foucault, M. (2001). *Ditos e escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema* (Vol. 3). Forense Universitária.
- Goethe, J. W. von. (2006). *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Ed. 34.
- Goldmann, L. (1968). *Dialética e cultura*. Paz & Terra.
- Goldmann, L. (1966–1967). Materialismo dialético e história da literatura. *Revista Civilização Brasileira*, 1(11–12), 108–125.
- Goldmann, L. (1964). *Pour une sociologie du roman*. Gallimard.
- Goldmann, L. (1955). *Le dieu caché*. Gallimard.
- Gramsci, A. (1968a). *Literatura e vida nacional*. Civilização Brasileira.
- Gramsci, A. (1968b). *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. Civilização Brasileira.
- Gramsci, A. (1968c). *Os intelectuais e a organização da cultura*. Civilização Brasileira.
- Gramsci, A. (1966a). *Cartas do cárcere*. Civilização Brasileira.
- Gramsci, A. (1966b). *Concepção dialética da história*. Civilização Brasileira.





- Gramsci, A. (1951). *Passato e presente*. Einaudi.
- Gramsci, A. (1949). *Il Risorgimento*. Einaudi.
- Gramsci, A. (1948). *Il materialismo storico e la filosofia di Benedetto Croce*. Einaudi.
- Heller, A. (1972). *O cotidiano e a história*. Paz & Terra.
- Konder, L. (2008). *Memórias de um intelectual comunista*. Civilização Brasileira.
- Konder, L. (1965). Sobre Georg Lukács. In G. Lukács, *Ensaio sobre literatura*. Civilização Brasileira.
- Kucinski, B. (2001). *Jornalistas e revolucionários: Nos tempos da imprensa alternativa*. Edusp.
- Lukács, G. (1969). *Realismo crítico hoje*. Coordenada.
- Lukács, G. (1968a). *Introdução a uma estética marxista*. Civilização Brasileira.
- Lukács, G. (1968b). *Marxismo e teoria da literatura*. Civilização Brasileira.
- Lukács, G. (1967). *Existencialismo ou marxismo?* Senzala.
- Lukács, G. (1965). *Ensaio sobre literatura*. Civilização Brasileira.
- Lukács, G. (1964). *Il marxismo e la critica letteraria*. Einaudi.
- Lukács, G. (1963a). *L'anima e le forme*. Sugar.
- Lukács, G. (1963b). *La théorie du roman*. Gonthier.
- Lukács, G. (1961). *Existencialismo ou marxismo?* Nagel.
- Lukács, G. (1960). *Histoire et conscience de classe*. Éditions de Minuit.
- Lukács, G. (1959). *El asalto a la razón*. Fondo de Cultura Económica.
- Lukács, G. (1957). *Prolegomeni a un'estetica marxista*. Riuniti.
- Lukács, G. (1956). *Thomas Mann*. Feltrinelli.
- Lukács, G. (1948). *Karl Marx und Friedrich Engels als Literaturhistoriker*. Aufbau.
- Maestri, M. (2014). Jacob Gorender. In L. B. Pericás & L. Secco (Orgs.), *Intérpretes do Brasil* (pp. — ). Boitempo. (Obs.: APA exige páginas; você não forneceu. Mantive sem incluir nada.)
- Magalhães, M. (2012). *Marighella: O guerrilheiro que incendiou o mundo*. Companhia das Letras.
- Maldonado, L. E. (2021). O jovem Moniz Bandeira entre poesia e militância em Salvador. *Intelligere – Revista de História Intelectual*, 1, 219–243.



- Marcuse, H. (1969). *O fim da utopia*. Paz & Terra.
- Marx, K., & Engels, F. (2006). *Manifesto do Partido Comunista*. Global.
- Matta, J. E. (1987). Índice geral dos colaboradores da Ângulos. In J. E. Matta, *Ângulos (a vigência de uma revista universitária)*. Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia.
- Netto, J. P. (2013). Curriculum vitae de Carlos Nelson Coutinho. *Revista Praia Vermelha*, 22(2), 113–134.
- Neves, V. (2019). *Democracia e socialismo: Carlos Nelson Coutinho em seu tempo*. Lutas Anticapital.
- Nobre, M., & Rego, J. M. (2000). Carlos Nelson Coutinho. In M. Nobre & J. M. Rego, *Conversas com filósofos brasileiros* (pp. 373–400). Editora 34.
- Oliveira, F. J. (1995). *A usina dos sonhos* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal da Bahia.
- Poerner, A. (2019). *Rebelde todo dia*. Lacre.
- Prado, C. J. (1971). *Estruturalismo de Levi-Strauss; Marxismo de Louis Althusser*. Brasiliense.
- Prado, C. J. (1933). *Evolução política do Brasil*. Revista dos Tribunais.
- Ramos, G. (1938). *Vidas secas*. José Olympio.
- Ramos, G. (1936). *Angústia*. José Olympio.
- Ramos, G. (1934). *São Bernardo*. Ariel.
- Ramos, G. (1933). *Caetés*. Schmidt.
- Reis, L. N. (2019). O exílio africano de Paulo Farias. *Tempo*, 25(2), 436–438.
- Risério, A. (2004). *Uma história da Cidade da Bahia* (2ª ed.). Versal.
- Risério, A. (1995). *Avant-garde na Bahia*. Instituto Lina Bo e P. M. Bardi.
- Secco, L. (2002). *Gramsci e o Brasil: Recepção e difusão de suas ideias*. Cortez.
- Tavares, L. H. D. (2020). *História da Bahia*. Unesp.
- Vázquez, A. S. (1968). *As ideias estéticas de Marx*. Paz & Terra.
- Veloso, C. (1997). *Verdade tropical*. Companhia das Letras.



## NOTAS

### AUTORIA

Luccas Eduardo Maldonado. Mestre. Doutorando, Universidade de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, Brasil.

João Victor Lourenço de Castro. Mestre. Recém defendido. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, SP, Brasil.

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Av. Manoel Pedro Pimentel, 101. Osasco – São Paulo. 06020-194

### ORIGEM DO ARTIGO

Desdobramento de uma pesquisa conjunta. Uma versão muito reduzida foi publicada como anais da Anpuh SP de 2024.

### AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Luccas escreveu a primeira parte do artigo. João escreveu a segunda. Isso por cima, pois houve intervenções de cada um na parte do outro.

### FINANCIAMENTO

Luccas: CNPQ

### CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não teve uso de imagem.

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

### CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum conflito de interesse foi relatado.

### DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS

Não se aplica.

### PREPRINT

O artigo não é um preprint.

### LICENÇA DE USO

© Luccas Eduardo Maldonado, © João Victor Lourenço de Castro. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

### PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

### EDITORES

Alexandre Buski Valim, Daniela Capri, Alexandre Karsburg

### HISTÓRICO

Recebido em: 22 de abril de 2025

Aprovado em: 05 de setembro de 2025

Como citar: MALDONADO, Luccas Eduardo; CASTRO, João Victor Lourenço de. De Salvador ao Rio de Janeiro: a construção da autoria em Carlos Nelson Coutinho. **Esboços: histórias em contextos globais**, Florianópolis, v. 32, p. 1–34, 2025.

